

8 de Março: Transfronteiriças contra toda a violência

Via [Insurgência](#)

De nossos diversos feminismos, entrelaçados e fortalecidos por nossa conexão transfronteiriça, apelamos a todas as mulheres, lésbicas, travestis, trans, intersex, migrantes, indígenas, negras e afrodescendentes, para a greve feminista global de 8M 2021.

Com nossa greve, queremos conectar as lutas e rebeliões que estamos construindo e todas as lutas feministas, transfeministas e anti-patriarcais que ocorreram no mundo nos últimos meses, para que nossa voz coletiva possa ressoar globalmente, desafiando os limites que a pandemia nos coloca para frente.

Não queremos voltar ao normal porque a normalidade era o problema. Dissemos que não vamos pagar a crise econômica mundial com nossos corpos e territórios. É notável como a gestão neoliberal da pandemia intensifica a violência sistemática contra as mulheres, as pessoas LGBTQI, além da opressão colonial e racista.

Agora queremos mostrar ainda mais nosso poder coletivo, para que a pluralidade de nossas experiências, lutas e rebeliões se fortaleçam, se conectem e se expandam além das fronteiras, configurando o processo de greve feminista que nos permite tornar visíveis e nos retirar da organização patriarcal, racista, capitalista e colonial de nossas sociedades.

Embora tenhamos criado redes de apoio, solidariedade e autodefesa para conter o aumento da violência doméstica, não paramos de lutar e denunciar a violência sexista e de gênero.

Enquanto trabalhamos na linha de frente em hospitais, escolas,

fábricas, serviços de limpeza, e enquanto em nossas casas, bairros e comunidades continuamos a fazer o trabalho doméstico e de cuidados, não interrompemos o processo de greve feminista.

Enquanto continuamos a cruzar as fronteiras para fornecer a mão de obra necessária para garantir a cadeia alimentar e serviços de assistência em troca de um salário miserável, não paramos de denunciar o racismo institucional e de exigir uma autorização de residência que nos permita ter uma vida digna.

Enquanto nas comunidades indígenas garantimos a reprodução da vida por meio de tramas coletivas para enfrentar a pandemia, não deixamos de defender os territórios do ataque extrativista e da militarização.

Embora existam frentes de guerra e conflito, como a curda e a Palestina, seguimos nossas redes de solidariedade, não paramos nossa revolução feminista e antiimperialista e exigimos liberdade para todes e quaisquer prisioneiros políticos.

Enquanto a saúde tem sido gerida individual e empresarialmente, não deixamos de destacar as diferenças nas condições sociais e materiais de acesso à saúde, de classe e raça, de gênero, aprofundando formas feministas, autônomas de saúde coletiva e comunitária e lutamos por aborto livre, seguro e gratuito.

Nos últimos anos, conseguimos criar um movimento feminista global, capaz de tornar a perspectiva feminista transversal a todos os movimentos sociais, como mostram as lutas do Black Lives Matters nos EUA, os de #EndSars contra a brutalidade policial na Nigéria, e aqueles que estão abalando governos fascistas e conservadores em todo o mundo a partir do sul, como fizeram na Bolívia, Peru e Chile.

Em vez de nos rendermos à individualização e ao ataque aos nossos corpos, tramas, territórios e ecossistemas que a gestão neoliberal desta pandemia nos colocou à frente, ampliamos

ainda mais a nossa luta e não desistimos. Em vez de nos rendermos à criminalização de nossas lutas perpetrada por nossos governos, fortalecemos nossa interconexão global, como demonstra a organização do 35º Encontro Plurinacional de Mulheres e Dissidentes na América Latina, criação do E.A.S.T. (Essential Autonomous Struggles Transnational) na Europa e além para conectar as lutas contra a desvalorização do trabalho produtivo e reprodutivo de mulheres e migrantes, a solidariedade transnacional à greve das mulheres polonesas e a vitória das irmãs argentinas pela legalização do aborto, e o fortalecimento desse espaço de Feministas Transfronteiriças que em sua primeira assembléia pública de 7 de fevereiro foi ampliado e fortalecido.

Num momento histórico em que o nosso trabalho produtivo e reprodutivo é mais intenso, explorado e desvalorizado do que nunca, e em que a violência patriarcal, de gênero, capitalista e racista nos ataca com mais força, sentimos a urgência de reforçar a importância do processo de greve feminista global, que é considerada como um processo coletivo de articulação, politização, grande convergência, expansão, intervenção da normalidade opressora.

Por todas essas razões, pedimos a todos que interrompam todos os tipos de trabalho, produtivo e reprodutivo, para recuperar visibilidade em todos os lugares, especialmente aqueles que historicamente nos foram negados e que a pandemia nos levou para a greve feminista global do 8M e além para continuar a tecer coletivamente e de maneira transfronteiriçada, nossa rebelião.

De pé, aquelas e aqueles que lutam!

Feministas Transfronteiriças